

ESPECIAL SEGURANÇA

Em caminhada, moradores, com alguns políticos, reivindicavam por paz e segurança.
FOTO: Fernando Madeira



ELES SÓ QUEREM VIVER SEM MEDO DA VIOLÊNCIA

Moradores de Resistência celebraram o “retorno da cidade”

Uma caminhada pela paz chamou a atenção de quem passava pelo bairro Resistência, na região de São Pedro, em Vitória, no fim da tarde de ontem. Moradores, famílias e políticos protestaram com roupas e bexigas brancas, além de cartazes pedindo o fim da violência.

A passeata saiu da Escola Rita de Cássia às 18 horas, passando pela Tancredo Neves, Avenida Brasil e pela Rodovia Serafim Derenzi. Além de cerca de 200 pessoas, um trio elétrico acompanhava o grupo que gritava por pedidos de paz e chamava os moradores para participar da caminhada. A cada momento mais pessoas se juntavam ao grupo.

Entre as autoridades presentes, estavam vereadores,



Paz

Para o presidente da Associação de Moradores de Resistência, João Venâncio da Silva, a passeata é para que moradores voltem às ruas em paz.

deputados, secretários municipais e o atual prefeito de Vitória Luciano Rezende. Para o prefeito, a caminhada é uma celebração da volta

da cidade à normalidade. “Esse encontro tem a mesma função do que fizemos em Jardim Camburi: fazer com que família e



Crianças

Muitas famílias com crianças participaram do evento. Com bolas de soprar brancas, meninas brincavam durante o pedido de paz.

peças celebrem a volta da cidade. O medo paralisa. Mas aos poucos vamos normalizando a vida”, acredita.

Já Wallace Valente, secretário Municipal de Esportes e Lazer (Semesp), contou que muitas crianças abandonaram proje-

tos comunitários de esporte por medo.

“Temos que espalhar o clima de paz pela cidade e levar as pessoas para a rua. Muitas crianças abandonaram projetos e isso é muito triste. Precisamos entender que as coisas estão se normalizando e confiar nas Forças Armadas”, afirmou.

Durante o ato, chamado de Caminhada das Famílias pela Paz, alguns moradores disseram que não se sentem seguros. “Trouxe o meu filho de um ano para mostrar a ele que dá pra sair na rua. Ficamos trancados por muitos dias e ele chorava. Espero que as coisas melhorem, mas confesso que se antes eu pouco via a polícia no bairro, hoje eu não vejo o Exército”, disse a dona de casa Mirele Cardoso, 33 anos.

“Vivemos tropeçando em corpos”, diz padre

“A violência que tem atingido o Estado recentemente, devido à paralisação da Polícia Militar, é algo comum na periferia”. É o que afirma o padre Kelder Brandão, responsável pela Paróquia de São Pe-

dro, em Vitória. De acordo com ele, na região da paróquia, a principal mudança durante a crise na segurança foi em relação à falta de transporte público, porque os tiroteios fazem parte da rotina.

O padre e outras entidades organizaram na noite de ontem a Caminhada das Famílias pela Paz, na Grande São Pedro. Padre Kelder explica que, durante a paralisação da PM, pouca coisa mudou no

bairro. “Esse movimento democratizou muito a violência e a sensação de insegurança. No caso da periferia é uma vivência. Estou aqui há oito anos convivendo com tiroteios, tropeçando em cadáveres

nas ruas e becos”.

A Polícia Militar foi procurada para falar sobre as críticas de Padre Kelder, mas respondeu que não comentaria o assunto.

Durante a passeata, que durou até as 20 horas, uma pista da Rodovia Serafim Derenzi, sentido Centro, ficou interditada.



Padre Kelder afirma que tiroteio é rotina no bairro